

## Editorial

Daniel P. Silva\*

A Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos lançou o debate: «Ser Médico Hoje». Trata-se de um tema aliciante, que nos convoca ou devia convocar a todos para uma reflexão pessoal e coletiva, porque a dinâmica contemporânea arrasta-nos para novos enquadramentos socioprofissionais, sem a necessária ponderação das suas envolventes e do nosso papel enquanto médicos em novos contextos.

A mais notória transformação observada está na organização dos serviços públicos e no aparecimento de hospitais privados. Os primeiros porque perderam ou diminuíram o espírito de serviço e consequente desvalorização da hierarquia de competências, o que decorre por entre outras razões da desvalorização da carreira médica, saída de elementos qualificados, contratação de tarefeiros ou de empresas, o que tem efeitos ainda mais nefastos. Nos privados, salvo honrosas e raras excepções, não está inserido nos seus objectivos a criação de serviços ou unidades clínicas com estrutura hierárquica e de competências bem definidas.

Este enquadramento modifica totalmente toda a evolução que o país teve desde a criação do SNS. Obrigá-nos, a título pessoal, a ter uma atitude bem diferente daquela onde a opinião e indicações do colega mais experiente era importante e formadora.

Naturalmente que o bom senso tem de imperar, mas essa qualidade, esse desígnio a que todos devem aspirar, não se aprende nos livros ou no *Dr Google*. Formase ao longo do tempo, em função das nossas características pessoais, vivências e, mais uma vez, da influência daqueles que nos rodeiam: família, colegas de trabalho e mestres.

O volume de informação que recebemos é torrencial, a ela temos acesso com uma facilidade inaudita, mas até que ponto informação é conhecimento?

Onde está a reflexão? Sem reflexão pode haver conhecimento, mas seguramente não haverá sabedoria.

A reflexão crítica deve ser abrangente, questionadora e autónoma, e é seguramente estruturante. Faz com que o indivíduo vá além do que ouve, do que lê. Permite vislumbrar diferentes perspectivas para analisar o mesmo facto. A circunstância de não aceitar como óbvias e evidentes os resultados, os factos, as ideias, os valores apresentados e jamais aceitá-los sem os ter investigado e compreendido é altamente enriquecedora da formação global e clínica.

Creio não ser controverso concluir que agimos cada vez mais isolados e perdemos o espaço e o tempo para refletir. Para onde nos leva esta mudança?

A medicina evoluiu lentamente durante séculos, até que nas últimas décadas teve um desenvolvimento científico e tecnológico vertiginosos. Afirma-se cada vez mais, e bem, como ciência, mas por vezes em detrimento da arte, da arte da relação, da arte do cuidar.

Sem dúvida que a nossa mais valia profissional está no nosso conhecimento técnico-científico, daqui incorre a obrigação de nos actualizarmos e mantermos viva a curiosidade como imperativo de consciência profissional, mas não podemos perder de vista o indivíduo, o doente na sua singularidade, com as suas dimensões físicas, psicológicas, espirituais e até religiosas.

A medicina de hoje é muito mais exigente, é a arte de aplicar criticamente o conhecimento científico na prática clínica.

---

\*Presidente da Direcção da FSPOG